

FRANKLIN TAVORA

II

Psychologia do escriptor

A inscripção deste capitulo parecerá talvez pretenciosa ao leitor. Traçar a psychologia de um artista é tarefa extremamente difficil, que exige a fina penetração de um ARARIPE JUNIOR, para quem a alma de GONZAGA ou de GREGORIO DE MATTOS se desnuda lucida, transparente, atravez das lyras docemente sensualistas de um e das satyras mordentes do outro. Até os mestres muitas vezes se illudem nesse delicado processo de analyse, e a imaginação creadora os arrebata, deixando a observação tardigrada embaraçada nos meandros obscuros da vida espiritual. Os brilhantes escriptos de BOURGET nos offerecem exemplos não escassos desses possiveis desvios.

A minha intençao é, porem, muito mais modesta e limitada do que pode fazer suppor a inscripção do capitulo. Não tendo para conhecer a alma do romancista cearense mais do que os seus escriptos, não lhe podendo surprehender as expansões de enthusiasmo, de vigor ou de desalento em uma copiosa correspondencia, nem dispondo de outros elementos elucidativos, posso apenas tentar um medroso esboço psychologico em que os traços apagados não saberão destacar a physionomia moral do homem e sim apenas indicar algumas idéas, sentimentos e ten-

dencias que animam a obra do escriptor, dando-lhe a individuação que a distingue entre as suas congeneres.

Observa JOLY (1) que em SOCRATES não ha somente um homem de carne e osso, e a individualidade inimitavel, mysteriosa, inexplicavel, si quizerem, de SOCRATES; ha tambem um grego e um philosopho; ha um grande philosopho até. Ha em SCHAKESPEARE um inglez e em RACINE um francez; em ambos está o christão, o homem moderno (no sentido amplo da expressão) que, pelo menos, conhece a antiguidade.

E accrescenta; «o grande homem, por mais extraordinario que seja, não se pode separar de seus antepassados nem de seus contemporaneos, de seus successores nem de seus mestres, de seus discipulos, de seus amigos nem de seus inimigos».

E' a theoria da raça e do meio, tam profundamente desenvolvida por TAINE que aqui toma uma amplitude maior, para mostrar que em cada um de nós se reflecte o trabalho secular da civilisação humana, as particularidades do meio em que vivemos e a individualisação que nos distingue do conjuncto dos nossos similhantes.

Pouco interessa procurar em FRANKLIN TAVORA o que elle offerecia de geral e humano, sob o ponto de vista da intelligencia e dos sentimentos. Mas as tendencias liberaes de seu espirito, que se não contentam com expandir-se em artigos de jornaes e encontram, nas obras de ficção, nova forma, certamente muito menos vibrante, porem mais ductil, mais insinuante e, por isso mesmo, podendo penetrar mais profundamente nos animos despercebidos, essas elle as recebeu do meio social em que se educou o seu espirito. Em suas *Notas dominicaes* (2) mostra-nos

(1) *Psychologie des grands hommes*, 1901, pag. 5.
(2) Traduzidas por Alfredo de Carvalho, na parte referente a Pernambuco, p. 189 e segs.

TOLLENARE o padre João Ribeiro imbuido das idéas de CONDORCET e dos philosophos francezes do seculo XVIII, notando que os outros revolucionarios e patriotas, si não tinham a mesma elevação desse illuminado, commungavam nas mesmas crenças, nutriam-se das mesmas concepções sobre a liberdade e a vida politica. Estas mesmas idéas e sentimentos que fizeram a insurreição pernambucana de 1817, explodiram em 1824 e em 1848, e as successivas derrotas no campo da batalha, no dominio effectivo do governo, talvez as tivessem desviado do primeiro objectivo, mas não as baniram dos espiritos onde ellas vieram ferir asperos combates contra o que se acreditava ser o obscurantismo corruptor dos padres, contra a centralisação politica e contra o perigo social da escravidão.

Nesse meio agitado em que a liberdade se apresentava como a solução natural de todos os problemas sociaes, politicos e religiosos, onde o exemplo dos antepassados engrandecidos pelo afastamento era natural que um moço intelligente se sentisse arrastado a tomar parte nessa campanha seductora de salvação do paiz e se saturasse das chronicas da terra, tam ricas de heroismo, tam povoadas de sonhos magnanimos.

E assim o romancista e o dramaturgo não se mostram simples e exclusivamente sacerdotes d'arte; são doutrinadores de idéas que vêem na litteratura um caminho que os conduzirá, mais cedo ou mais tarde, ao sonhado momento da victoria. E' por isso que o artista, perdido o ardor juvenil e robustecido o espirito com leituras mais meditadas, ia depor o pincel e a palheta, para encarar os acontecimentos sob a lente segura e clara do historiador. Nesse momento, aos quarenta e seis annos de edade, antes que essa transformação se operasse definitivamente e désse os fructos promettidos, a morte o veio colher. Interrompeu-se por esse modo, infelizmente, a evolução de uma intelligencia fecunda.

No seu estudo literario sobre GEORGE SAND, tam captivante pela sympathia que trescala e tam empolgante pela abundancia de idéas que derrama, diz E. CARO que a escriptora de *Lelia* não teve doutrinas; foi uma imaginação poderosa expandindo-se em liberdade, e que as fontes de sua inspiração foram: o amor, a paixão pela humanidade e o sentimento da natureza (3).

Eis um espirito bem diverso de FRANKLIN TAVORA. Sua imaginação elle não a queria desbridada a correr descuidosa pelos intermundios dos sonhos. Sua tarefa era crear e colorir quadros onde se insinuassem certas idéas doutrinadas a operar a palingenesia social.

O amor figura certamente nos contos, nos romances e nos dramas de TAVORA, mas simplesmente para urdir a fabulação de modo a tornal-a interessante para todos os leitores e sem destoar da realidade onde a attracção sexual apparece como poderoso movel das acções. Não é naturalmente que elle pensasse, como CARLYLE, que o amor occupa uma parte muito restricta na vida humana; porém é que nos seus trabalhos literarios são os costumes populares, os sentimentos sociaes, a vida collectiva, as idéas politicas que o preoccupam de preferencia.

Abri os seus romances. Os amores do *Cabelleira* apenas apparecem para illuminar um delicioso quadro nas mattas do Tapacurá. No *Matuto* e em *Lourenço*, as scenas de amores estão recalcadas para um segundo plano. Lourenço é insensivel aos dotes de Marianinha e si um momento parece enfeitiçado pelas graças de Bernardina, isso não passa de phantasia momentanea que logo se desfaz ás primeiras considerações que se lhe oppoem. Quando, mais tarde, parece que o amor o quer empolgar, enleiando-o nos encantos fidalgos de D. Damiana, é sentimento

(3) E. CARO, George Sand. 1904, p. 72.

tam debil que nem pode reagir numa revolta nem sabe contorcer-se em torturas. Cede humilde ao obstaculo sem concentrar-se no peito a estuar apaixonado. D. Damiana, embóra fidalga, acceitaria, na desventura, o amor do almocreve; mas lembram-lhe a posição social dos seus, a nobreza de sua familia e ella, guardando na memoria esse episodio, segue o seu destino, como quem colheu uma flor perfumosa á margem do caminho e logo a deixa cahir porque as petalas murcharam ao contacto das mãos.

Essa mesma D. Damiana é anciosamente cubiçada pelo commerciante portuguez, Coelho, um dos chefes mascates em Goyana, mas ainda aqui o amor não sabe arrancar do instrumento do artista as notas vibrantes e commovidas de um sentimento profundo e avassallante.

No *Sacrificio* ha uma lucta de sentimentos bem travada e bem traduzida, mas o amor se curva deante de consideraçoes sociaes, um pouco mais cedo e um pouco mais submissamente do que dezejaria o leitor que colheria emoçoes mais fortes, si esse sentimento desenvolvesse mais energia na defeza de suas conquistas.

Tambem o sentimento da natureza é muito debil em TAVORA. Raras vezes nos dezenha uma paysagem. As mattas não têm harmonias, os campos são inexpressivos, os rios correm mansos ou encachoeirados, mas sem nos despertar sympathias. Si o espectaculo do Amazonas o commove é talvez porque ali não via o homem, ou não o conhecia. Em Pernambuco, o que o impressiona é a agitação da vida social, é a lucta dos interesses, das idéas e dos sentimentos. A sua idealisação, que sabe cobrir de tintas suaves os quadros que nos traça, não é para a natureza, é para os costumes que se despem de suas mais feias asperezas, sem perder a feição real, é para as almas que vão arrastadas por um ideal, destinadas a ser as energias que dêem movimento á evolução social.

O seu pincel é realista, no sentido de que ambiciona expor a vida em sua feição verdadeira, mas é sempre movido pela sympathia que lhe despertam os pobres, os artistas, os que trabalham, nos quaes está sempre inclinado a descobrir virtudes e a cujos defeitos prefere fechar os olhos.

Dos seus principaes romances, cujas scenas se desdobram em Pernambuco, podem colher-se bôas informações historicas e sociaes que bem podiam ser aproveitadas por quem dezejasse ter uma comprehensão exacta e completa do *homem* nesta parte do Brazil; mas muito poucas indicações daria a quem pretendesse estudar a *terra*, o meio physico, a natureza. Na guerra dos *mascates*, vê muito bem a lucta entre as duas classes sociaes, a agricultura e o commercio. «Só uma vista curta não verá na *guerra dos mascates*, antes uma lucta travada por dois principios, do que uma revolta filha de preconceitos ridiculos e costumes atrazados. Certo concorreram não pouco para essa lucta o costume e o capricho antigo, inflexiveis ambos; mas o seu papel nessa grande representação foi mais secundario do que principal. A parte essencial e verdadeiramente dramatica, essa pertencia a dois grandes interesses, assim das sociedades modernas, como das antigas,—ao commercio e á agricultura, principios que, quando accordes em seu desenvolvimento, trazem a prosperidade e a riqueza dos povos, e, quando divergentes, o seu atrazo si não o seu anniquilamento» (4).

O romancista interpretou bem os factos e teve a intuição do historiador. Mas quem percorre as peripecias dessa lucta através da narrativa de TAVORA, sente que alguma cousa lhe falta para dar grandeza ás scenas ou mais intensidade ás emoções. Faltalhe essa grandeza de analyse que vae dentro d'alma

(4) O *Matuto*, pag. 200 da primeira ed.

assistir ao revolutear das paixões, e o amor da natureza que a faz viver da nossa vida, amar, sorrir e odiar comnosco.

As fontes de sua inspiração quer me parecer que foram: o sentimento patriotico e a idéa de liberdade. O primeiro fazia-o comprehender, pela sympathia, as chronicas do paiz, adorar os seus heróes e descobrir no futuro, mal esboçada ainda no pensamento, uma forma de cultura particular do povo brazileiro. D'ahi partiu para desdobrar o estandarte de uma literatura do Norte, onde lhe parecia que estavam assentadas as bases dessa formação social. O segundo fal-o batalhar na imprensa periodica e põe nas suas obras literarias um ardor communicativo, que é dos mais presados encantos em trabalhos dessa especie.

Estas duas fontes de inspiração si eram proprias a despertar-lhe vivos enthusiasmos, por outro lado, em face das miserias da vida e das ingratidões dos homens haviam de ter-lhe derramado nalma o fel dos amargores. O que sonhava o artista, o intellectual liberalisante, estava em contraste doloroso com o que observavam o funccionario publico e o homem de sociedade. Pareceu-lhe que essas duas armas poderosas, feitas de aço puro e de brilhante rutilo, haviam de abrir-lhe a estrada larga por onde o seu talento caminhasse avante apontando o porvir. Mas o destino é cruel e as nossas ambições se desfazem nas suas mãos de ferro como a haste viçosa da gramminea nos pesados cilindros das moendas. Os sonhos abandonaram o aconchego do ninho e o escriptor comprehendeu que devia não deixar a lucta, porem mudar o seu acampamento e modificar o plano de batalha.

III

Literatura do Norte

Foi o sentimento patrico o inspirador da lite-

ratura do Norte da qual FRANKLIN TAVORA se propoz a ser sinão o creador, aquelle que lhe accentuasse as tendencias naturaes e a pudesse orientar. «Depois de cerca de dois annos de hesitações, dispuz-me emfim, diz elle no prefacio do *Cabelleira*, a escrever estas pallidas linhas — notas dissonantes de uma musa solitaria, que, no retiro onde se refugiou com os desenganos da vida, não pode esquecer-se da patria, anjo das suas esperanças e das suas tristezas».

No Sul, o romance encontrára cultores notabilissimos como BERNARDO GUIMARÃES, MACEDO, MACHADO DE ASSIS, TAUNAY, ALMEIDA e o proprio ALENCAR que, «com ser do norte tinha concorrido com suas mais importantes primicias para a formação da literatura austral». Era preciso que o norte, riquissimo em tradições, encontrasse quem as soubesse aproveitar para a arte. A isso propunha se o romancista cearense e com ardor tanto maior quanto mais profunda era a sua convicção de que, revelando essas riquezas, prestava um serviço á patria. «As letras têm, como a politica, um certo caracter geographico, observa elle; mais no norte, porem, do que no sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brazileira, filha da terra» (5).

Desde o primeiro momento pareceu-me sem bases sufficientemente seguras esta concepção de uma literatura do Norte opposta, por seus caracteres, á literatura do sul, e francamente o disse (6).

E' certo que o Sul tem recebido uma torrente desordenada de immigrantes que está perturbando a evolução do typo ethnico e do caracter nacional do brazileiro; é verdade que o Norte, preservado pelo clima dessas invasões desregradas, tem podido con-

---

(5) Veja-se a carta que serve de prologo ao *Cabelleira*.
(6) *Epochas e individualidades*, 2.ª ed., pag. 69—71.

servar os elementos fundamentaes da formação ethnica e social operada no Brazil pela fusão das tres raças, a branca, a vermelha e a negra. Mas, como brilhantemente revelou EUCLIDES DA CUNHA nos *Sertões*, si se pode oppor o brazileiro do Sul ao do Norte, não menos accentuada differença existe entre o habitante do interior, dos sertões, e o do littoral, das cidades; e, si a idéa de TAVORA fosse verdadeira, teriamos uma literatura dos sertões e outra da estreita facha cultivada que debrúa o Brazil de um a outro extremo.

Por outro lado, ha no Sul e no centro, a pegar dos estrangeiros, bellos veieiros de tradiçoes genuinamente brazileiras de que a arte se tem aproveitado e que imprim.m nos seus productos um cunho inconfundivel. Sem falar em alguns romances de MACEDO e nas comedias de MARTINS PENA, nada existe de mais caracteristicamente brazileiro, em literatura do que os romances de BERNARDO GUIMARÃES, as novellas de XAVIER MARQUES e os contos de AFFONSO ARINOS. O proprio ALENCAR, que TAVORA diz ter opulentado a literatura do sul, escreveu a *Iracema*, e o *Sertanejo*, para o Norte como escrevera o *Guarany* e os *Sonhos de Ouro*, para o Sul.

Depois não é por pedir ás tradições e mesmo aos costumes a sua urdidura que o romance e a poesia alcançarão o cunho nacionalista. E' por alguma cousa de mais intimo, que está no artista e não no assumpto.

Penso, por todos esses motivos, que a complexidade da vida no Brazil e a vastidão do seu territorio admittem uma grande variedade no colorido das obras d'arte. Ha curiosos costumes no septentrião como no sul, ha lugares bellissimos por ahi além que falam ao sentimento por seu aspecto physico ou pelas recordações que evocam, ha para as diversas categorias de talentos assumptos de um encanto infinito, e por sobre tudo isso paira a vida nacional, o sentimento de patria que, entrando inconscientemente nas

creações artisticas, as destacam das producções alienigenas.

A literatura do Norte foi em TAVORA um protesto que teve sua razão de ser, porque nós temos corrido o duplo perigo de ser absorvidos pelas ondas successivas da immigração convergindo para os mesmos pontos, e de perdermos a nossa caracteristica literaria pela imitação imponderada. TAVORA reagiu, mostrando que ha na historia patria e na vida nacional elementos com que crear uma literatura fecunda e brilhante. Tinha razão de erguer o seu protesto, mas não em pretender dividir a literatura patria em duas fracções distinctas: a do norte e a do sul.

Clovis Bevilaqua.